

# *Machiavelli, o Pensador Atual*

## *Machiavelli, A Thinker Of Our Time*

---

Talita Tavares Batista Amaral de Souza\*

Este artigo busca apresentar a obra de Nicollo Machiavelli, contextualizando-a, e analisar as ideias centrais de “O Príncipe”, obra prima de Literatura, Humanismo e Ciência Política. Discute os conceitos de principado, como se classificam, como se dá sua conquista, analisando as Razões de Estado e orientando os governantes na permanência do poder. Situa-se no final do século XV e início do século XVI, quando se instalou na Itália a desordem e a instabilidade, dissensões internas e invasões da França e Espanha, poderosas nações vizinhas. O pensamento deste teórico torna-se clássico, pois sua temática revela-se necessariamente inserida no pensamento político contemporâneo.

*This article aims to present a contextualized study of the work of Nicollo Machiavelli, as well as analyze the central ideas of “The Prince”, a masterpiece of Literature, Humanism and Political Science. It discusses the concepts of principedom, how they are classified and conquered, analyzing the Reasons of State and orienting rulers as to how stay in power. The book came to public between the second half of the 15th century and the early 16th century, when disorder and instability, internal dissent and the French and Spanish invasions, powerful neighboring nations, took over Italy. The thoughts of this theorist have become a classical reference since his theme is necessarily inserted in the current political thought.*

*Palavras-chave: Humanismo. Política. Principado. Razões de Estado. Poder.*

*Key-words: Humanism. Politic. Princedom. State Reasons. Power.*

### ***Introdução***

Niccolo Machiavelli, pensador que se preocupou com a questão do poder, datado e contextualizado, nasceu em Florença, na Itália, em 3 de maio de 1469. Tinha como preocupação central, em todas as suas obras, a origem do Estado, sua organização e a manutenção do poder.

Não enfocava um Estado ideal, imaginário, que nunca existiu, sustentado pela tradição idealista de Platão, Aristóteles e São Tomás de Aquino, mas o Estado real, capaz de impor a ordem. Chevallier (1995, p.18s) aponta que este pensador segue o caminho dos historiadores antigos como Tácito, Políbio, Tucídides e Tito Lívio. Adota, como regra metódica, partir e finalizar na realidade social concreta.

O problema central de sua análise, portanto, é descobrir como resolver a questão cíclica da estabilidade e caos na Política. Ao tentar resolver essa questão, Machiavelli estabeleceu uma nova forma de pensar e fazer política. No capítulo VI, do livro *O*

---

\* Mestre em Sociologia (IUPERJ). Professora de Ciência Política (UCAM/Campos).

*Príncipe* (p. 46), afirma que os Estados e governantes dependem de dois fatores principais: justiça e armas.

### ***Itália em Tempos Difíceis***

A redescoberta das possibilidades de ação plena do homem integral, objeto de reflexão da Filosofia Antiga; a desobrigação das normas místicas implantadas por toda a Idade Média; a implementação do realismo científico, com as descobertas de Copérnico e Galileu Galilei, tornaram o homem do século XVI consciente e responsável por suas ações individuais, gestor e condutor de seu próprio destino.

Desde o século XIII, com a derrocada do Feudalismo e o processo de ascensão do Capitalismo, surgem os Estados Nacionais, na Europa Ocidental, especificamente na França e Inglaterra. As soberanias locais vão sendo substituídas pelo fortalecimento das Monarquias Absolutas, apoiadas nas classes médias. O Estado Monárquico busca sujeitar as autoridades feudais e eclesiásticas, preservando os privilégios essenciais das classes superiores e mantendo a autoridade do Poder Central acima da burguesia descentralizadora urbana nascente.

A Itália, porém, ainda no século XV, não tinha conseguido sua unificação política nacional. Pequenos Estados se enfraqueciam, competindo entre si, visando ao domínio do comércio pelo Mediterrâneo com o Oriente. O cenário social da Itália testemunhava o fim da Idade Média, com a eclosão de grandes nomes nas letras, como Boccaccio e Petrarca; nas artes, Michelangelo, Leonardo da Vinci, Botticelli e na literatura política, Machiavelli.

De acordo também com a exposição de Weffort (2003, p. 13-17), o século XVI, politicamente, no entanto, constituiu-se um século obscuro para a Itália. Com a invasão de Carlos VIII, rei da França, iniciou-se um processo de perda de liberdade e manutenção no poder, pela conquista de povos bárbaros, dos príncipes italianos ou pelo próprio pontificado católico. A invasão de Carlos VIII, em 1494, deu-se dois anos após a morte de Lorenzo de Médici, o Magnífico, provocando a fuga de Piero, seu filho.

Machiavelli aponta Lorenzo de Médici (o Magnífico) como causador do equilíbrio político da Itália, naquele período, posto que o considerava um homem culto, com sensibilidade poética e um grande estadista. O florescimento artístico e cultural da Itália aguçou a ambição, não apenas dos bárbaros, mas também da Igreja. O papa Alexandre VI quer maior poder temporal para seu filho, o terrível César Bórgia, porém modelo de Príncipe, para Machiavelli. O papa Alexandre VI teve como sucessor Júlio II e Leão X, da família Médici. A ambição deste último, igualmente desmedida, pode ser suavizada por suas qualidades espirituais.

A França, já um poderoso Estado, com Luís XI, e a Espanha, unida e forte, com o casamento de Fernando de Aragão e Isabel de Castela, além das conquistas de Granada

e Navarra, também participaram da devastação e decomposição políticas da Itália. Os suíços, soldados de aluguel, os próprios príncipes italianos, com exércitos próprios ou soldados mercenários, invadiam e dominavam os Estados mais enfraquecidos, ficando frágeis e suscetíveis à dominação estrangeira.

Viu-se, pois, que a Itália, país onde se cultuou a inteligência e sensibilidade artística, expressas nas arquiteturas das Igrejas, na harmonia dos suntuosos jardins, também foi cenário de devastação com guerras, astúcias de mercenários, conluio, fraudes, dissimulação, espionagem, traições, manobras e infidelidades políticas, assim como intrigas diplomáticas.

### ***Niccollo Machiavelli : Vida e Obra***

Nesse cenário conturbado de guerras e fragilidade política, nasceu Nicolo Machiavelli. Filho de Bernardo Machiavelli, funcionário público, e de Bartolomea Nelli, ambos de tradicional família, apesar de escassos recursos materiais, tinham ligações ilustres em Florença.

Os citados autores afirmam que Nicollo Machiavelli não ocupou grandes cargos em sua juventude. Em 1494 foi copista de Marcelo Virgílio Adriani, professor de literatura grega e latina e secretário da República de Florença. Com 29 anos, foi nomeado chanceler da segunda chancelaria e, posteriormente, por quatorze anos e cinco meses, foi secretário dos Dez Magistrados da Liberdade e da Paz. Durante esse período participou, como simples funcionário, de modestos encargos públicos.

A mais importante missão de Machiavelli esteve ligada a César Bórgia, em 1502, pois o desempenho dessa incumbência estruturou seu pensamento para a elaboração de sua teoria política. Ocupou-se também de estudos históricos, composição de poesias, organização política e militar da República de Florença.

Quando, em 1512, os Médici retornaram ao poder, destituíram Machiavelli de suas funções públicas, banindo-o de Florença. Foi incriminado em uma conspiração política, apesar de nada se apurar contra ele. Esse período de segregação política revelou-se para Machiavelli como de grande atividade intelectual, pois produziu: Os Discursos sobre a Primeira Década de Tito Lívio, Os Sete Livros Sobre a Arte da Guerra, As Comédias, A Vida de Castruccio Castracani e a célebre carta ao amigo Francesco Vettori, escrita em 10 de dezembro de 1513.

Em 1513, numa situação de desespero, levado pela pobreza e ostracismo político, iniciou a escrita de “O Príncipe”, dedicando-o, inicialmente, a Giuliano de Médici, que morreu em 1516, antes de Machiavelli concluir a obra. A partir de então, dedicou-a a Lorenzo de Médici, duque de Urbino, sobrinho de Giuliano.

“O Príncipe”, obra prima de Macchiavelli, é pautada no objetivo de unificação da Itália. Discute as formas de governo mais adequadas para sua preservação. Representa

um manual do absolutismo, refletindo sobre as condições da Itália, na época, e pregando uma reforma política.

Ainda hoje “O Príncipe” desperta sentimentos contraditórios nos críticos e historiadores: ora é visto como um autêntico compêndio de Ciência Política, ora como um simples guia de governo, um pequeno manual, limitado circunstancialmente, em um determinado período, identificando e confundindo, inclusive, interesses de classes com finalidades políticas e razões de Estado.

Faleceu a 22 de junho de 1527, acometido por complicações em sua saúde, manifestadas no aparelho digestivo. Morreu pobre e triste, pois, ameaçado pela miséria, implorou qualquer humilde emprego aos Médici e não foi por eles atendido. Somente cinco anos após sua morte, “O Príncipe” foi editado e o mundo veio a conhecer uma obra clássica, de Literatura e Ciência Política, porquanto está sempre atual, resistindo ao tempo de modo instigante e de interesse universal.

### ***A Ordem Social, como Razão de Estado***

Analisando a natureza humana, Machiavelli (1999) observou a presença de traços humanos imutáveis. *Os homens, geralmente, são ingratos, volúveis, simuladores, covardes e ambiciosos de dinheiro* (p.100). Os atributos negativos que compõem a natureza humana mostram que o conflito e a anarquia são suas consequências necessárias. A permanente presença desses instintos malévolos em todas as épocas e sociedades transforma a história numa significativa fonte de ensinamentos. Em sua obra “O Príncipe” (1999), Maquiavel revela que a história é o guia dos atos humanos, especialmente para os governantes. O estudo dos fatos passados é uma fonte através da qual se devem extrair as causas e meios utilizados para enfrentar o caos provocado pela natureza humana.

O poder político tem origem mundana, é intrínseco à natureza humana, à sua malignidade. Machiavelli conduz o mal da humanidade ao extremo. Portanto, para Machiavelli, a ordem social não é natural, de acordo com o modelo interpretativo harmônico da Antiguidade e Idade Média, baseado no pensamento de Aristóteles, pelo qual o homem é um animal social e político. Ao contrário, o poder ou o Estado, aparece como única possibilidade de enfrentar a anarquia decorrente da natureza humana, enfrentar o conflito social. Surge como resultado da fraqueza humana.

Não há garantia da permanência desse poder, devido à perversidade das paixões humanas. Em Política, a Razão de Estado, para Machiavelli, não é natural, nem a materialização de uma vontade sobrenatural, nem resulta de dados do acaso. Ela deve ser construída pelos homens para se evitar o caos e a barbárie. É o resultado de forças provenientes das ações concretas dos homens em sociedade.

Uma vez alcançada, essa ordem não é definitiva, há sempre a ameaça de que seja desfeita. Esse poder é contingente e incerto, toda ordem é transitória e circunstancial,

pois sua mutação é determinada pelo movimento da realidade social e pela forma de agir do governante. A característica desse Novo Estado é o controle da violência, daí a necessidade do monopólio da força física, por meio de boas armas e de boas leis. É necessário o conflito da massa popular para a evolução da história e implementação da ordem social expressa na instituição do Estado, por meio de um príncipe.

Machiavelli acrescenta à desordem, proveniente da imutável natureza humana, outro importante fator social de instabilidade: as duas tendências existentes em todas as sociedades – uma do povo, de não desejar ser governado nem oprimido pelos grandes e a outra dos grandes, de querer dominar e oprimir o povo.

Uma das forças sociais quer dominar, a outra não quer ser dominada. Se as duas quisessem o domínio, a oposição seria resolvida pelo governo dos vitoriosos. No entanto, os vitoriosos não eliminam definitivamente o desejo dos vencidos, os quais continuam não querendo o domínio. O problema político, ou seja, a Razão de Estado é encontrar mecanismos que imponham a estabilidade entre o povo e os grandes. Machiavelli ensina que a energia criadora de uma sociedade livre advém do sistema de oposição entre os grandes e o povo. Os conflitos sociais são necessários. A corrupção e a inaptidão para o viver livre provêm da desigualdade social extrema.

### ***Principado, Transição para a República***

Machiavelli, logo no início de seu livro *O Príncipe* (p. 27) sugere que há, basicamente, duas respostas à anarquia decorrente da natureza humana e do confronto entre os grupos sociais: o Principado e a República. A escolha de uma dessas formas constitucionais depende da situação concreta de cada nação. Quando a nação se encontra ameaçada de deterioração, com uma sociedade corrupta, é necessário um governo forte, que coloque seus instrumentos de poder para inibir as forças desagregadoras.

O essencial em uma nação é que os conflitos originados em seu interior sejam controlados e regulados pelo Estado – esta é a Razão de Estado. O Príncipe não é um ditador, mas um fundador de Estado, um agente de transição numa fase em que a nação se acha ameaçada de decomposição. Quando a sociedade já encontrou formas de equilíbrio, o poder político, na pessoa do Príncipe, cumpriu sua função regeneradora da sociedade e ela está preparada para a República.

No regime da República predomina a liberdade, o povo é virtuoso, as instituições são estáveis e contemplam a dinâmica das relações sociais. Os conflitos são desejáveis, considerados fontes de vigor, sinais de uma cidadania ativa. Para a Itália de sua época – dividida, corrompida, sujeita às invasões externas – Machiavelli não tinha dúvidas: era necessária sua unificação e regeneração, tarefa de um Príncipe, capaz de fundar um Estado.

## *Virtude e Fortuna*

A atividade política é uma prática de homem livre, sujeito da História. Essa prática política exige virtude ou *virtu*, o domínio sobre a fortuna ou destino. Na Antiguidade, a imagem metafórica da Fortuna ou Sorte era a de uma deusa boa ou mulher, cuja simpatia era importante atrair, pois possuía bens que todos os homens desejavam: honra, riqueza, glória e poder. Como se tratava de uma deusa que também era mulher, para conseguir seus favores, tornava-se imprescindível seduzi-la, mostrar-se vil, ou seja, um homem de virilidade, de coragem ou de *virtu*.

Com a chegada do Cristianismo, essa visão da Fortuna foi substituída por um poder cego, inabalável. É o destino, cujo símbolo é a roda do tempo, do qual não temos controle. Diante do destino, o homem é impotente. O poder, a honra, a riqueza ou a glória não significam felicidade, os quais não se realizam no mundo material. Predomina a crença na fatalidade e na impossibilidade de os homens alterarem o curso da história.

A Virtude, valorizada por Machiavelli, não corresponde à virtude cristã, ou seja, uma bondade angelical, alcançada pela libertação das tentações terrestres e à espera de recompensas no céu. Segundo Weffort (p. 21s), para Machiavelli, o poder, a honra e a glória, típicas tentações mundanas, são bens perseguidos e valorizados pelo homem de *virtu*. Esse poder, originário da força da própria natureza humana, fundamenta-se na sabedoria do governante ao utilizar a própria força e firmar seu poder em situações concretas. Para assegurar que o seu governo não seja arrebatado, deve garanti-lo senão pelo amor, ao menos pelo temor dos governados. Nessa perspectiva, previne aos governantes:

Assim, são teus inimigos todos aqueles que se sentem ofendidos pelo fato de ocupares o principado; e também não podes conservar como amigos aqueles que te puseram ali, pois estes não podem ser satisfeitos como pensavam. Não poderás usar contra eles remédios fortes, obrigado que estás para com eles. (MACHIAVELLI, 1999, p. 29).

O amor cria vínculos que se rompem ao sabor do próprio interesse. Não depende do Príncipe ser amado, mas dele depende ser temido. O amor depende de quem dá, o temor de quem impõe. Machiavelli defende ainda que *Não há garantia de posse mais segura que a ruína* (1999, p. 42).

## *Força, Justiça e Virtude Política*

Um príncipe prudente deve basear-se no que depende de si mesmo, não no que depende de outrem. O auxílio de forças alheias redundará em armas perigosas contra a sedimentação de seu governo. O bem público só advirá sob o elevado poder da violência e do medo, em cuja conquista o Príncipe precisa valer-se de seus próprios exércitos, no seu próprio comando, não em forças auxiliares ou apoiar-se em brilhantes ministros.

O poder se funda na força (estar desarmado acarreta ser submisso e, portanto, não merecedor de fama), mas é necessário *virtu* para se manter no poder. Sem *virtu*, sem boas leis geradoras de boas instituições e sem boas armas, um poder rival poderá impor-se. A medida política é a manutenção da conquista. Diante da necessidade de mudança, avalia a situação expressando-se da seguinte forma:

Deve-se considerar aqui que não há coisa mais difícil, nem de êxito mais duvidoso, nem mais perigosa, do que o estabelecimento de novas leis. O novo legislador terá por inimigos todos aqueles a quem as leis antigas beneficiavam e terá tímidos defensores nos que forem beneficiados pelo novo estado de coisas. Essa fraqueza nasce, parte por medo dos adversários, parte da incredulidade dos homens que não acreditam na verdade das coisas novas senão depois de uma firme experiência. (MACHIAVELLI, 1999, p. 46).

É mais seguro ser temido que ser amado. No entanto, ser temido não significa ser odiado. O Príncipe precisa evitar ser odiado. A maior fortaleza para o Príncipe é não ser odiado pelo povo. Machiavelli indica que para esse fim basta não se apoderar do patrimônio dos súditos, mesmo que precise ser violento com alguém, desde que haja causa manifesta e justificada. O governante tem que se mostrar capaz de resistir aos inimigos e aos golpes da Fortuna, atraindo a fama, a honra e a glória para si e a segurança para seus governados.

Um Príncipe, para se manter no poder, deve ter a sabedoria de se guiar pela necessidade do Estado, de agir conforme as circunstâncias, devendo aparentar possuir as qualidades valorizadas pelos governados. Virtudes do parecer, do fazer crer, da hipocrisia são importantíssimas. O que se precisa considerar com muita atenção é a aparência, o resultado, o êxito a ser obtido com a ação política. O Príncipe é julgado em suas ações pela aparência e pelo resultado consumado. Desde que tenha êxito e mantenha o poder do Estado em suas mãos, qualquer meio que empregue será considerado honroso e louvável. No entanto, para conquistar não apenas o mérito, mas também a glória, deve aparentar piedade, fé, integridade, humanidade e, acima de tudo, religiosidade, pois:

Ainda que não se possa considerar ação meritória a matança de seus concidadãos, trair os amigos, não ter fé, não ter piedade nem religião, com isso pode-se conquistar o mando, mas não a glória. (MACHIAVELLI, 1999, p.58).

Não precisa, necessariamente, possuir essas qualidades, basta aparentar possuí-las (CHEVALLIER, 1995, p. 39). Basta possuir uma capa de religião, tornando-o digno merecedor de reverências e honrarias. A virtude política exige também os vícios (certos defeitos ou vícios podem ser necessários à conservação do Estado, certas qualidades poderiam perdê-lo), além do reenquadramento da força. O amoralismo dos meios não prejudica os resultados, desde que esses resultados sejam bons ou éticos. Esse foi o aspecto mais polêmico e mal compreendido, cuja interpretação superficial do seu ponto de vista contribuiu para um retrato negativo do pensamento maquiavélico:

Em matéria de promessas, de compromissos, o príncipe deve ser raposa, isto é, não observar a palavra quando observá-la vier a ser-lhe inconveniente, e quando desaparecem as razões que o fizeram prometer (CHEVALLIER, 1995, p. 39).

O fato de defender que a Política tem uma Ética e uma Lógica próprias significa que a ação política pode subverter a moralidade convencional-cristã, pois deve basear-se em um princípio imanente à sua própria ação, e ser avaliada de acordo com o resultado do processo político. Diferente da ação cristã, que mesmo sendo individual, baseia-se em um princípio transcendental à ação do indivíduo. Religião, para Machiavelli, é simplesmente um meio disciplinar. As crenças devem ser convenientemente manipuladas para servir aos fins políticos ou mecanismo para atingir o objetivo final do governo, que consiste em melhorar a sorte da população, aumentar a riqueza, sua duração de vida, sua saúde. Enfim, visando atingir o objetivo central do exercício do poder, que consiste em manter, reforçar e proteger o principado, afirma:

Não deve, portanto, importar ao Príncipe, a qualificação de cruel para manter os seus súditos unidos e com fé, porque, com raras exceções, é ele mais piedoso do que aqueles que por muita clemência deixam acontecer desordens, das quais podem nascer assassínios ou rapinagem. É que essas conseqüências prejudicam todo um povo, e as execuções do Príncipe ofendem apenas um indivíduo. (MACHIAVELLI, 1999, p. 95).



O príncipe, arremessando-se sobre os golpes da Fortuna, deve comportar-se como homem, utilizando a lei como forma de combate. Deve comportar-se também como besta, à espreita ou ao assalto da presa. Ao utilizar a natureza da besta, assemelha-se ao leão, cuja força atemoriza os lobos. Pode assemelhar-se também à raposa, cuja astúcia conhece os laços. Ou utilizando-se da força e da violência das armas ou das diplomáticas leis - o que conta, o imprescindível mesmo é o êxito nas dificuldades e a manutenção do Estado.

Nos novos principados, Machiavelli aponta como boa estratégia destruir a liberdade e suas antigas leis, pois, *a prudência está justamente em saber conhecer a natureza dos inconvenientes e adotar o menos prejudicial como sendo bom* (p.124).

Machiavelli viu no homem apenas a matéria-prima do poder. O povo é uma matéria plástica que guarda sua forma, que é a ordem social. Não existe uma ordem ideal, com validade absoluta, independentemente da organização social concreta dos povos. O Príncipe deve ser capaz de, partindo da análise da sociedade, captar a disposição e a forma desejável para impô-la de forma enérgica. O Príncipe molda a forma conveniente para a matéria amorfa, que é o povo.

### ***Considerações finais***

No mundo contemporâneo, onde a engenharia política se vê premida pela urgência de se criarem novos modelos que venham fazer face ao desequilíbrio causado pela queda do Socialismo do leste-europeu, frente ao capitalismo selvagem e aos ditames da globalização econômica que exclui e aliena, pensar a Política, ancorada nos mestres do passado, é sempre oportuno e de bom senso.

A análise de “O Príncipe”, de Nicollo Machiavelli, mostra-se sempre atual, pois nos remete a questões voltadas para o próprio indivíduo, enquanto possuidor de uma natureza insondável e misteriosa. Faz pensar sobre as questões da natureza da sociedade, enquanto somatório de indivíduos com interesses independentes, resultando na formação de um povo, segundo ele, matéria amorfa e mero instrumento utilizado pelo poder.

Portanto, neste início de milênio, a dimensão da leitura crítica da obra de Machiavelli, se torna oportuna, pois tenta elucidar os seus conceitos e estratégias fundamentais, especialmente os ligados à ética política, impedindo a disseminação e incorporação de interpretações superficiais com consequências na credibilidade da prática política, desestimulando a participação democrática da população em geral.

Busca-se, pois, mostrar a importância de se refletir sobre as forças que compõem o jogo político, oportunizando a formação de cidadãos mais conscientes e responsáveis no processo de construção de um mundo mais justo e igualitário social e politicamente.

## ***Referências***

CHEVALLIER, Jean-Jacques. *As grandes obras políticas: de Maquiavel a nossos dias*. Rio de Janeiro: Agir, 1998.

MACHIAVELLI, Niccolo. *O Príncipe*. Rio de Janeiro: Ediouro. 1999.

WEFFORT, Francisco C. *Os clássicos da política*. São Paulo: Ática. 2003.

*Artigo recebido em: 3 mar. 2009*

*Aceito em: 21 dez. 2009*